

LEITURA DE IMAGENS VISUAIS IMPRESSAS EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: POSSIBILIDADES DA CRIAÇÃO DE CONCEPÇÕES DE MORALIDADE E CIVISMO

João Batista Gonçalves Bueno¹

RESUMO

Este artigo procura discutir como imagens visuais impressas em diferentes livros didáticos de História do ensino fundamental e médio apresentam concepções de moralidade e civismo. A disciplina de História, desde o século XIX, participou dos processos de produção da memória histórica nacional e sempre esteve vinculada ao poder governamental. De acordo com a variação dos diferentes tipos de governo que já tivemos no Brasil, a disciplina de história colaborou com o processo de formação e divulgação das ideias que fundamentaram as diferentes abordagens de versões de História pátria e de determinadas formas de instrução cívica. As obras estudadas nesta pesquisa foram editadas entre as décadas de 1970 e 2000 e eram destinadas a estudantes dos níveis fundamentais da educação básica brasileira. Fiz a análise e a catalogação de 86 livros categorizando as correspondências temáticas entre as iconografias impressas nos livros didáticos do período em foco. Neste caso, identifiquei os diferentes valores morais e cívicos que foram sendo construídos ao longo do período estudado, os quais fizeram parte da formação escolar de distintas gerações. Sob tais perspectivas, esta pesquisa tem procurado dar visibilidade à intrincada e complexa rede de questões inerentes à utilização de fontes da documentação da Justiça do Trabalho. São utilizados como referenciais teóricos os seguintes autores: W. Benjamin e E. P. Thompson.

Palavras-chave: Civismo, moralidade, livros didáticos, ensino de história

INTRODUÇÃO

Este artigo procura discutir como imagens visuais impressas em diferentes livros didáticos de História do ensino fundamental e médio apresentam concepções de moralidade e civismo. A disciplina de História, desde o século XIX, participou dos processos de produção da memória histórica nacional e sempre esteve vinculada ao poder governamental. De acordo com a variação dos diferentes tipos de governo que já tivemos no Brasil, a disciplina de história colaborou com o processo de formação e divulgação das ideias que fundamentaram as diferentes abordagens de versões de História pátria e de determinadas formas de instrução cívica.

Neste estudo produzi análises sobre as representações iconográficas impressas nos materiais didáticos que são originadas de obras de arte e que pertencem ao gênero de pintura histórica. Tais representações foram elaboradas por artistas que fizeram parte da Missão Francesa de 1816 (os fundadores da Imperial Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro) e de

¹ Doutor em Educação pela FE-Unicamp. Professor adjunto do Departamento de História da UEPB. Professor do PPGFP – UEPB e PPGH da UFPB. E-mail: joaobgueno@hotmail.com.

seus discípulos. Como exemplo, cito a recorrente utilização de pinturas assinadas por Jean Baptiste Debret (1769 - 1848), Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843 - 1905), Victor Meirelles (1832 - 1872), Oscar Pereira da Silva (1867 - 1939) e Benedito Calixto de Jesus (1853 - 1927), dentre outros. Entendo que as representações iconográficas, de autoria desses pintores, e que são utilizadas nos livros didáticos, revelam permanências educacionais sobre processos de construção de valores éticos, morais, cívicos e estéticos. E, além disso, percebo também que essas imagens visuais impressas nos livros didáticos, excluem do imaginário dos estudantes e professores os sentidos: de hibridez, de multiplicidade, de ambiguidades e de contingências das formas de vida concreta dos indivíduos que viveram nos períodos históricos representados nas imagens. Escondem, dessa maneira como se deram os processos de concepção de nacionalidade e de civismo brasileiro, e induzem a processos de leitura de mundo que são geradores de alteridade que se dão em nome da razão e do humanismo.

Os artistas responsáveis pela criação das imagens icônicas que constituem o banco de iconografias que participam da formação das diferentes gerações que viveram nesse país eram ligados à Academia de Belas Artes. Representaram o Brasil em exposições internacionais, e suas criações articularam-se intimamente com as visões de mundo das classes dominantes brasileiras do século XIX e início do século XX. Eles também foram os pintores reconhecidos pela intelectualidade e pelos poderes constituídos.

Hoje em dia obras de arte originais, encontram-se em museus, em coleções particulares ou nas coleções dos Estados. São pinturas com temáticas que tratam de representações de uma história positivista/liberal e romântica do Brasil. Além disso, as imagens das obras de arte destes pintores, foram reproduzidas em medalhas, em jornais, em revistas, em impressos oficiais e como todos sabemos estão presentes na maioria dos livros didáticos brasileiros de história.

Os produtores dessas pinturas compartilharam ou reforçaram o pensamento dos intelectuais do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) e do Colégio D. Pedro II². Os estudos realizados nestas instituições foram os responsáveis pela construção das diretrizes

² A ligação entre as duas instituições era profunda. Os membros do IHGB eram professores do D. Pedro II. As duas instituições representam, na segunda metade do século XIX, as instâncias de produção de um determinado conhecimento histórico, com o mesmo arcabouço conceitual e problematização. O Colégio foi criado para formar os filhos da nobreza da Corte do Rio de Janeiro e prepará-los para o exercício do poder. O IHGB era o responsável por construir a genealogia nacional, no sentido de dar uma identidade à nação brasileira (Maiores informações ver em Abud, Katia. Currículos de História e Políticas Públicas: Os programas de História do Brasil na escola secundária. In. **O saber Histórico na sala de aula**. Contexto, SP,2001.

da história do Brasil a partir de uma visão de moralidade do homem do século XIX; por isso as percepções de mundo desses homens do século XIX permanecem vivas hoje em dia³.

Segundo Bittencourt,

“A História Política que predominou no ensino de História até recentemente foi responsável pela configuração de uma galeria de personagens da vida administrativa do país. Houve o cuidado de se pesquisar os possíveis retratos de personagens que ficaram famosos posteriormente, para serem apresentados aos jovens estudantes. É o caso, por exemplo, de Tomé de Souza e de Pedro Álvares Cabral. O “descobridor” e o primeiro “chefe político” ou governador-geral do Brasil precisaram constar da galeria dos principais personagens históricos, demandando a criação de representações do momento da descoberta da nova terra. A chegada de Tomé de Souza à Bahia pôde ser “vista” e gravada na memória dos jovens estudantes desde 1844, em um dos primeiros manuais didáticos de História do Brasil, do general Abreu Lima, adaptado pelos editores da casa Laemmert (Bittencourt, 1993, p. 78).

Neste sentido, as abordagens dos conceitos históricos que constituem o currículo da disciplina de referência valorizam determinados padrões de civilidade, que são representadas pelo tipo de comportamento que deve ser imitado, ou seja, o do homem branco europeu. Dessa maneira, escondem ou apagam do ensino escolar a existência dos processos de resistência, da multiplicidade de raças e da ambiguidade que se estabelecem entre os diferentes gêneros.

Estudar os livros didáticos foi importante para compreender como a “forma escolar” que utiliza as imagens visuais apenas como “ilustração” do texto escrito foi sendo alterada, pelo menos em parte, ao longo do tempo. É possível notar que ocorreram modificações na qualidade de impressão, nos tipos de imagens que compõem os temas dos capítulos dos livros, nas cores e nas formas como as iconografias foram apresentadas pelas legendas escritas. Além disso, o acervo iconográfico que constituiu o conjunto de ilustrações dos livros didáticos também foi sendo transformado nas novas edições destas publicações. Outra questão reside no fato de que os livros didáticos de História que foram editados a partir da década de 1970 até os dias de hoje pertenceram e fazem parte de um movimento educacional que valorizava e valoriza as imagens visuais no ensino de História. Tais livros fazem parte das memórias escolares de diferentes gerações de professores e estudantes que utilizaram esses materiais didáticos.

Parto do pressuposto de que as iconografias, quando são apresentadas como reproduções impressas nos livros, podem ser compreendidas tanto como documentos históricos que se reportam a outras temporalidades, como à época da produção do livro didático.

Na contemporaneidade, desde a década de 1970, as imagens impressas nos manuais didáticos são escolhidas pelos profissionais de iconografia, pelos editores, pelos autores e pelos ilustradores para compor os manuais didáticos. Estes profissionais fazem a seleção destas imagens, obedecendo ao critério de concordância do seu tema com os conteúdos da disciplina. Procuram, ainda, relacionar as informações propostas pelas iconografias com as mensagens que foram priorizadas nos textos explicativos e nas legendas. Portanto, as escolhas e as formas como as imagens visuais aparecem impressas podem revelar como se constituía o conjunto de experiências estéticas desses profissionais; isto porque estes realizam as seleções das imagens a partir das tradições das culturas visuais e escolares na relação com o desenvolvimento das técnicas de impressão e as tendências do mercado.

Desta forma, a produção de conhecimento em sala de aula, a partir de análises de iconografias impressas nos livros didáticos, pode envolver diferentes questões que se diferenciam do trabalho desenvolvido pelo historiador quando este trabalha com fontes imagéticas originais.

METODOLOGIA

As obras estudadas nesta pesquisa foram editadas entre as décadas de 1970 e 2000 e eram destinadas a estudantes dos níveis fundamentais da educação básica brasileira. Fiz a análise e a catalogação de 86 livros categorizando as correspondências temáticas entre as iconografias impressas nos livros didáticos do período em foco. Neste caso, identifiquei os diferentes valores morais e cívicos que foram sendo construídos ao longo do período estudado, os quais fizeram parte da formação escolar de distintas gerações. Uma das problematizações que apresento neste artigo é a possibilidade de trabalharmos em sala de aula com imagens visuais de pinturas que são patrimônios históricos brasileiros de forma a produzir diferentes leituras que revelam a preocupação de conceitos de civilidade, de nacionalismo e de aspectos da moralidade.

Entendo que leituras por esses vieses têm a potencialidade produzir questionamentos relativos aos processos de hierarquização e legitimação das percepções de mundo e sobre quais são os gostos estéticos que esse tipo de imagens impõe aos estudantes. Compreendo que as imagens de pinturas históricas brasileiras também podem contribuir para a construção de padrões de beleza que tendem a valorizar a construção anatômica dos corpos de grupos étnicos europeus, da ideia da existência da separação do homem e da natureza, bem como a valorização da clássica moral européia e suas variações.

Este foi um estudo de natureza qualitativa, desenvolvida principalmente pelo emprego da análise documental e coleta de dados, conforme os procedimentos apropriados no tratamento destes tipos de fontes. Trabalhei concomitantemente em duas frentes de pesquisa para a coleta das informações documentais.

Apesar da primazia da perspectiva qualitativa, não desprezei a possibilidade de realização de estudos quantitativos a partir de dados mais objetivos relativos ao contexto de produção e aos dados de identificação das propostas.

Para melhor organização e análise das atividades trabalhei a partir das seguintes etapas:

Etapa 1:

-Mapei, analisei e cataloguei as produções acadêmicas (teses e dissertações, artigos, livros...) sobre o uso de imagens visuais nos livros didáticos.

Etapa 2:

-Fiz o levantamento imagens impressas nos livros que traziam de forma direta ou implícita os conceitos de moralidade cristã e civismo ou nacionalismo.

- Participei de comunicação em eventos científicos;

Etapa 3:

Estudei os livros didáticos lendo seus textos e suas imagens visuais dentro da perspectiva do método de leitura a contrapelo, proposta por W. Benjamin (1998). Isto é, busquei pistas que me revelassem como foram criadas determinadas imagens dos sujeitos nos textos dos processos.

Utilizei também, critérios intencionais na seleção dos documentos. Estes foram elaborados à luz da leitura e análise do conjunto de livros didáticos, e que tratavam dos fatos ou possuíssem alguma relação com as temáticas estudadas. Sob tais perspectivas, esta pesquisa procurou dar visibilidade às sensibilidades e a intrincada e complexa rede de problemas que se dão nos conceitos de moral e civilidade.

Quanto à definição dos procedimentos de pesquisa, nesta etapa, destacaram-se as seguintes atividades de investigação:

a) identifiquei e analisei as representações iconográficas impressas nos livros didáticos.

b) identifiquei tanto a época da produção dos documentos analisados e a procedência das reproduções iconográficas

c) Refletimos sobre a produção do conhecimento histórico-escolar, a partir da complexidade de significados e interpretações suscitadas pela leitura de fontes documentais do acervo do arquivo;

e) Elaborei questões que fomentassem a discussão e a reflexão sobre a definição de novas possibilidades de ensino-aprendizagem de História, via a utilização de imagens visuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pinturas históricas formam um conjunto de obras iconográficas "sacralizadas" como documentos imagéticos privilegiados na História do Brasil e contribuem para a construção da ideia de quais foram os lugares sociais privilegiados que os personagens que fizeram a história do Brasil ocuparam (COLI, 1998).

Ao trabalharmos a partir das imagens impressas nos livros didáticos nos encontramos no campo da educação das sensibilidades. Neste caso, muitas das imagens mostram patrimônios culturais, momentos marcantes da história política do Brasil e os símbolos da nação como a bandeira e os brasões. Ou então, os momentos marcantes da chegada dos europeus no Brasil, a independência, e os personagens que se destacaram na política, na religião e no exército. As imagens analisadas trazem muitas vezes as concepções da religiosidade cristã, bem como, explicitam diferenças entre as raças formadoras da nação e a hierarquização das classes sociais. São representações que estavam presentes no século XIX e que de forma correspondente permanecem até a atualidade.

Nas pinturas históricas como “A primeira missa do Brasil” de Vitor Meirelles destacam-se os indivíduos que pertenceram a igreja católica, e os brancos europeus que chegavam no Brasil. Reforçam a ideia de que esses grupos sociais foram os vencedores do processo de colonização, e por isso podem ser representados como parte do segmento social que é o responsável pelo progresso civilizatório de nosso país. Assim, resta aos povos originários os papéis periféricos e secundários na pintura histórica, pois são representados como grupos sociais primitivos, sem saberes próprios e que estão distantes do mundo civilizado europeu.

Entendo que imagens visuais como estas foram utilizadas pelos autores dos livros didáticos como recurso para legitimar o fato relatado nos textos explicativos. Dessa forma, eles desconsideraram a possibilidade de tratá-las enquanto "documentos" de uma dada época.

(BUENO, 2011, p, 200). Por essa razão concordo com LE GOFF (1990, p. 545) quando este historiador entende que “[...] o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder”.

/

Fig. 1- A Primeira Missa do Brasil – 1861, óleo sobre tela de Victor Meirelles/ Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – RJ.

Da mesma forma, quando os professores de história se voltam para discutir em sala de aula os "temas indígenas", de imediato remetem-se e referenciam-se às pinturas de J. B. Debret ou J. M. Rugendas. Caso semelhante, também acontece em relação a temática da "independência do Brasil"; que acaba por nos remeter ao quadro **Independência ou Morte** (1888), de Pedro Américo.

Tenho indícios, através desta última observação, que me permitem supor que estas pinturas ao não serem tratadas como documentos nos livros didáticos permitem leituras que podem reforçar relações de uma determinada moralidade que é racista e excludente. Isto ocorre porque elas trazem informações que reforçam formas de percepção do mundo que valorizam valores morais que naturalizam e permitem a exclusão, pois não permitem que se faça o reconhecimento das fragmentações das identidades das diferentes comunidades e raças existentes em nosso país.

Por isso, acredito que é importante fomentarmos a discussão e as reflexões sobre a definição de novas estratégias de ensino-aprendizagem em relação ao uso das imagens visuais. Ao fazermos isso, podemos oportunizar a construção de percepções de mundo onde a polifonia e a tolerância sejam expressões de positividade. Além disso, as práticas de leituras de imagem de forma crítica, poder permitir a produção de questionamentos sobre diferentes aspectos da formação do mundo da política, das ideologias e dos regimes econômicos que são vigentes no nosso presente. E esses processos tem historicidade nos momentos que a disciplina de Educação Moral e Cívica foram instituídas pelo estado. As imagens visuais impressas nos livros didáticos por muitas vezes, podem ser utilizadas para justificar o distanciamento dos princípios democráticos.

Observamos, também que as imagens que são constantes na maioria dos livros didáticos podem possibilitar a criação de reflexões sobre questões que se contraponham as experiências totalitárias em relação aos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade brasileira.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Ao realizar esta investigação, passei a entender como as imagens visuais impressas nos manuais didáticos que apresentavam valores morais, cívicos, éticos e religiosos foram ganhando espaço nas aulas de História para reforçar a aprendizagem dos conceitos apresentados nos textos explicativos. Observei ainda, como as representações visuais impressas participaram da criação de princípios de conduta cívica e moral. Dentre os quais, valorizavam determinados formas de conceber as normas de comportamento baseadas em concepções cristãs que, necessariamente, não excluía visões discriminatórias de raça e gênero. Já em relação a educação cívica construí análises que possibilitaram revelar variados exemplos de ações de civilidade e de nacionalidade representadas por feitos de membros das elites políticas, econômicas e religiosas brasileiras. Muitas das imagens analisadas sugeriam exemplos de conduta cívica que deveriam ser seguidos por professores e estudantes. Por essa razão, quando os livros foram elaborados, os autores e editores selecionaram como fonte para a criação de ilustrações as obras de arte que representavam os fatos heroicos e nacionalistas que valorizaram a ideia de uma nação unida e em direção ao progresso.

Os livros didáticos no Brasil, desde o século XIX, apresentavam imagens de patrimônios culturais e artísticos nacionais procurando criar no leitor a ideia de identidade nacional. Encontramos nestes livros reproduções de imagens visuais de obras de arte consagradas pela história do Brasil, de edifícios arquitetônicos públicos, de monumentos nacionais, de retratos de personalidades que se destacaram na política e na vida pública e também de algumas manifestações folclóricas. Ao analisar os livros didáticos nas últimas décadas do século XX, notei que estão presentes ideias e concepções de civismo e moralidade na escolha das imagens que foram impressas nestes manuais.

Neste texto procuro também refletir como as idéias relativas à educação de civismo e moralidade foram apropriadas pelo ensino de História, sugerindo a construção de diferentes saberes históricos–escolares a partir da complexidade de significados e interpretações que podem ser suscitadas pela leitura de fontes iconográficas na relação com os textos escritos dos livros didáticos. Compreendo que as imagens visuais nos livros didáticos de História do ensino fundamental, são portadoras de informação, que apresentam valor estético ou simbólico e que contribuíram para o desenvolvimento da educação baseada em uma dada concepção de civismo e moralidade revelando visões eurocêntricas, racistas e cristãs.

As imagens visuais impressas nos livros didáticos de história podem ser utilizadas para promover uma educação estética dos sentidos, porque abrem a possibilidade de o professor

estimular a criação de memórias visuais nos alunos. E, contribuem, também, para a fruição e o entendimento das informações que se relacionam com os valores culturais dos povos brancos e europeus. A partir da visualização das imagens dos patrimônios culturais, de reproduções de obras de arte e da leitura dos textos didáticos os estudantes podem ser iniciados na compreensão de que estas representações expressaram determinados gostos e tradições da sociedade que produziu estes objetos. Além disso, os estudantes podem compreender que a escolha de determinadas obras de arte e a seleção de sua imagem para aparecer impressa no livro didático relaciona-se com a concepção de história que está presente nos currículos escolares brasileiros deste o século XIX. Ou seja, apresentam uma concepção de História de cunho eurocêntricas e por isso privilegiam as relações dicotômicas, as quais hierarquizam como dominantes as culturas de etnia branca sobre as culturas subalternas indígenas e negras. Como consequência a organização dos conteúdos escolares e da concepção do que seja arte mantem a forma tradicional que apresenta as populações negras e indígenas como minorias primitivas e não-civilizadas, ou então, como populações vulneráveis e injustiçadas. Assim, entendemos que as imagens visuais impressas nos livros didáticos podem servir para ampliar as formas de recepção de informações relativas as experiências territoriais, morais e cívicas. Concordo com Pesavento que entende que a:

A percepção constrói um mundo qualificado através de valores, emoções, julgamentos. É capaz de produzir o sentimento, que é uma expressão sensível mais durável que a sensação, por ser mais contínua, que perdura mesmo sem a presença objetiva do estímulo. Assim, a sensibilidade consegue, pela evocação ou pelo rememorar de uma sensação, reproduzir a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento. (PESAVENTO, 2007, p 13).

As práticas de leitura de imagens visuais e de textos escritos nos livros didáticos, assumiram na escola a partir do século XIX, formas que indicavam leituras extensivas e leituras intensivas (CHARTIER,1998, p.15). Estas começaram a ser praticadas nas escolas, e permitiram que o aluno pudesse ler os livros em seu ritmo pessoal, repetir a leitura ou rever conceitos, conferir, ou então, lembrar as matérias trabalhadas pelo professor. Percebemos, também, que as iconografias dos livros didáticos de história, na maioria das vezes, foram utilizadas como forma comprobatória, isto é, para reafirmar as idéias apresentadas pelo texto escrito, ou como forma de atrair o olhar do aluno.

A partir daqui, como forma de expor parte dos resultados dessa pesquisa proponho fazer um breve levantamento das permanências e transformações relativas à ideia de civismo associada a moral que as imagens impressas nos livros didáticos podem revelar.

No caso das páginas 14 e 15 (figura 2), é possível identificarmos como os desenhos produzidos pelos ilustradores fazem referência às obras de arte dos artistas Pedro Américo no quadro “Independência ou Morte” e à litografia de Jean Batiste Debret, “Aclamação de D. Pedro I – Imperador do Brasil”.

Os ilustradores basearam-se nestas imagens canônicas, pois os leitores poderiam reconhecer facilmente os personagens, uma vez que estes são muito conhecidos pela grande maioria dos alunos e professores. Elas exprimem neste caso, valores morais e cívicos, destacando-se a ideia de que os homens são os responsáveis pela libertação do país e o poder central de um imperador garante a constituição da nação.

Os desenhos apresentados nos quadros são tecnicamente bem construídos, apresentam linhas que os contornam e são impressos em cores chapadas. O sombreamento é feito em cor preta, com traços bem definidos, valorizando o efeito de claro-escuro e da perspectiva geométrica. Isso cria a impressão, para os leitores, de que os desenhos apresentam um volume tridimensional. As figuras e personagens são elaborados com desenhos na dimensão proporcional às cenas que representam.

Ao analisar a construção da sequência de ações dadas pelos quadrinhos dos livros didáticos, percebi uma grande diferença em relação à construção das revistas em quadrinhos mais vendidas na época. As cenas não são construídas em sequências diretas, pois cada quadro possui uma concentração de informações que se fecham nele mesmo, o que causa uma impressão de isolamento em relação aos demais quadros. Ou seja, muitas vezes os cenários, os personagens e atos representados mostram poucos traços de continuidade entre eles.



Figura 2 - **História do Brasil. Para Estudos Sociais- 6ª série.** Especialmente indicado para estudo dirigido. São Paulo, SP: IBEP – 1971. Desenhos dos artistas gráficos argentinos Rodolfo Zalla e Eugenio Colonnese⁴- Livro do Professor.

Outra forma de utilização das imagens visuais pode ser percebida pela criação de sequências narrativas, que são selecionadas de maneira a construir uma história da nação. Os textos didáticos, neste caso, são fundamentados por um *corpus* de imagens de monumentos ou de retratos de indivíduos representando personagens da elite ou do poder do Estado. Esperava-se com esse tipo de montagem editorial/ pedagógica formar o cidadão pela instrução e pelo culto do Estado – Nação (POLLOT, 2009, p.14), possibilitando, portanto, a criação de uma determinada identidade nacional e de uma educação cívica através de uma memória coletiva com fundo nacionalista.

Nos anos finais da década de 1980 aparecem as novas propostas curriculares de História dos estados, sendo seguidas pelo lançamento dos PCNs no final da década de 1990. Estas novas propostas apresentavam uma ampliação do conceito de cultura, vindas das áreas de

⁴ O ilustrador Eugenio Colonnese ficou conhecido pela criação da revista em quadrinhos de terror intitulada *Mirza*, a Mulher Vampira, editada em 1967. Esta revista teve um grande sucesso de vendas no período. Rodolfo Zalla foi editor de revistas de História em Quadrinhos, trabalhando com diferentes gêneros, entre eles: terror, faroeste e guerras. Esses dois ilustradores eram reconhecidos no meio artístico brasileiro como especialistas neste gênero da ilustração.

Antropologia, Sociologia e da História. Estas possibilitaram que os livros didáticos, a partir da década de 1990 no Brasil, apresentassem novas idéias referentes aos conceitos de moral e civismo. O ensino de História ganhou muito com essas novas ideias, pois foi a partir daí, que as instituições culturais começaram a compreender que era necessário abarcar outras culturas que estavam presentes na sociedade, as quais tinham sido excluídas até então. Surgem, nos anos finais da década de 1990 novas discussões que se preocuparam em entender como as produções culturais das minorias étnico-sociais, tinham também responsabilidade na criação dos bens formadores da nação.

A coleção de livros das autoras Sílvia Panazzo e Maria Luísa Vaz, **Navegando pela História**, editado em 2001 pelo Quinteto Editorial, com quatro volumes destinados para alunos das 5^a as 8^a séries, pode ser utilizada como forma de ilustrar a ampliação da concepção do conceito de cultura no ensino de história. Este livro possibilita que o leitor utilize as imagens visuais como forma de produção de novos conhecimentos, os quais podem se diferenciar das informações trazidas pelos textos explicativos apresentados nos capítulos.

A concepção de ensino de história apresentada neste livro prioriza abordagens que se aproximam das temáticas trabalhadas pela História social e pela História do cotidiano. As autoras questionam as visões tradicionais de ensino de história, que valorizavam a concepção de tempo linear e cronológico. Apresentam atividades que procuram relacionar presente e passado e trabalham com contextos sociais, políticos, culturais e econômicos mais amplos.



Figura 3 - Imagem da página 48 do livro de Silvia Panazzo e Maria Luísa Vaz, “Navegando pela História” editado em 2001 pelo Quinteto Editorial, São Paulo: Quinteto editorial, 2001, (21 X 28 cm, imagem reduzida).

Analisei o capítulo 5 do livro, destinado às 5^a séries. Neste capítulo as autoras discutem o conceito de diversidade cultural, apresentando um texto escrito na relação com várias imagens visuais. Panazzo e Vaz trabalham este conceito no texto explicativo, definindo-o como a forma que os seres humanos vivem e convivem entre si, a partir das suas necessidades e dos recursos que as sociedades dispõem. O texto explicativo do livro afirma que foi nesse processo que as pessoas foram desenvolvendo “maneiras de morar, formar famílias, de trabalhar, de se comunicar, de manifestar a religiosidade, etc.” (p. 48)

É interessante percebermos como as autoras apresentam diferentes objetos que representam atividades culturais produzidas em tempos distintos e pertencentes à variadas sociedades (Figura 3). Vemos impressos numa mesma página a imagem de uma cerâmica Marajoara, a imagem de um sambaqui, ambas do Brasil, a imagem de uma mulher africana da tribo Samburu no Kênia e de um jornal russo dos tempos do socialismo, no ano de 1961. Ao identificar esses tipos de bens culturais o professor pode trabalhar o conceito de que todas as marcas deixadas pelo homem na natureza são documentos históricos e que, portanto, são

suportes de informações sobre o passado. Esses objetos podem também ser entendidos como patrimônios culturais materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer essa trajetória, espero contribuir no sentido de indicar a complexidade de significados e interpretações que as metodologias de uso de imagens podem trazer ao ensino de História, viabilizando a produção de novas estratégias voltadas à produção de saberes docentes na relação com os saberes discentes. Como professor de História, que sou, é importante reconhecer que as informações fornecidas pelas imagens não se esgotam em si mesmas. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido, além daquela dimensão que uma primeira leitura pode trazer. A partir dessa constatação, acredito que podemos mediar às leituras dos alunos, estimulando-os a irem além das dimensões visíveis ou explícitas das imagens, pois todas as representações iconográficas apresentam lacunas, silêncios e códigos que necessitam ser decifrados, pesquisados, compreendidos e resignificados.

Neste sentido, Paiva (2004) afirma que:

Nessa perspectiva, a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente. E é por isso que ela não se esgota em si. Por meio dela, a partir dela e tomando-a em comparação, é possível ao historiador e ao professor a análise de outros temas, em contextos diversos. (p. 19).

Dessa forma, entendo também que não devemos considerar as imagens como retratos de verdades absolutas e nem como representações fiéis de acontecimentos históricos. Como quaisquer registros históricos, as imagens são resultados de escolhas e de seleções dos olhares de seu produtor e trazem nelas inseridas as intenções de sua produção historicamente datada. As imagens como fontes históricas não são completas e nem são definitivas; por essa razão, os seus leitores podem realizar diferentes interpretações.

Nesse sentido, proponho que os professores e os alunos, quando procurarem compreender as imagens como fontes históricas, devem percebê-las no diálogo com as categorias históricas de permanências ou continuidades, ou de rupturas e discontinuidades. E, quando focalizadas como objetos de questões e reflexões, estas podem estimular a produção de conhecimentos histórico-escolares, sobretudo relacionados aos valores, gostos, costumes, visões e sensibilidades de uma determinada época.

É necessário, então, que o professor de História esteja sempre atento aos limites dos procedimentos de interpretação, pois, muitas vezes, podem reproduzir as seguintes tendências, dentre tantas outras: tentar adaptar as realidades históricas para adequá-las à iconografia; inventar significados para tentar localizar uma imagem em seu tempo. Ou, ainda, projetar valores de nosso tempo sobre as imagens do passado.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia. Currículos de História e Políticas Públicas: Os programas de História do Brasil na escola secundária In **O saber Histórico na sala de aula**. Contexto, SP,2001.

BITTENCOURT, C. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. São Paulo, Tese (doutorado em história) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, S.P: Universidade de São Paulo, 1993.

BUENO, João Batista Gonçalves. **Imagens visuais nos livros didáticos: permanências e rupturas nas Imagens visuais nos livros didáticos: permanências e rupturas nas propostas de leitura (Brasil, décadas de 1970 a 2000)** /Campinas, SP: [s.n.], 2011.

CHARTIER, Roger. **Aventura do livro: do leitor ao navegador**. Conversação com Jean Lebrun . S.P: Fundação da Editora da Unesp, 1998.

COLI, Jorge. “Primeira Missa” e invenção da descoberta. In: NOVAIS, Adauto (Org.) **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 107-121.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

PAIVA, Eduardo França . **História & Imagens**.Belo Horizonte: Autêntica , 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, no 53, junho de 2007.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente**.São Paulo: Estação Liberdade, 2009.